

portugal

publicado pela comissão da

informação

f.p.l.n. de paris



N.º 4

Novembro-1970



o fascismo é violência permanente ; à violência reaccionária há que opôr a violência revolucionária !

A violência do fascismo não se exterioriza apenas quando se abrem as portas das prisões para nelas entrarem os anti-fascistas, quando os presos são torturados, quando os Tribunais Plenários aplicam as famigeradas medidas de segurança, ou quando as forças repressivas lançam sobre o povo indefeso a força de uma repressão brutal.

O fascismo é violência permanente quando o governo publica uma lei que proíbe a greve; quando a coberto dos chamados contratos Colectivos de Trabalho autoriza o patronato a pagar salários de miséria; quando não consente que os trabalhadores elejam para as direcções dos sindicatos homens da sua confiança, que não sejam lacaios dos patrões; quando despreza a segurança e a higiene no trabalho; quando obriga a ritmos de produção infernais aqueles que em suas mãos não detêm os meios de produção.

O fascismo é violência permanente quando

forja miséria em todos os aspectos, para que uns poucos enriqueçam à custa dos sofrimentos impostos a uma maioria esmagadora, o que se traduz no desprezo total pelas mais prementes necessidades do nosso povo, que por esse motivo é obrigado a suportar o nível de vida mais baixo da Europa.

E o fascismo é violência permanente quando morrem sem terem que morrer, todos os anos, milhares de crianças, traduzido isto

to numa mortalidade infantil mais elevada que a de muitos países sub-desenvolvidos. E a inexistência de uma política sanitária e habitacional adicionada por doenças de carácter alimentar que advêm de um longo processo de fome crónica em muitas regiões do país, constituem também uma violência permanente...

Mas o fascismo também é violência permanente quando torna impossível uma reforma
(continua na página seguinte)

à violência reaccionária há que opor a violência revolucionária

total do ensino, quando a polícia ou as autoridades académicas reprimem brutalmente os estudantes, prendendo ou expulsando encerrando escolas e faculdades, já não falando na violência permanente que é a forma como se processa o ensino em Portugal.

E também é violência permanente a censura à imprensa, como é violência de todos os dias a perseguição a muitos intelectuais numa tentativa de os impedir de divulgarem tudo de quanto progressivo podem criar

O fascismo é a violência permanente quando aceita e fomenta uma cada vez maior penetração imperialista no nosso país, consentindo e impondo a exploração dos nossos trabalhadores pelas empresas estrangeiras que se instalam no nosso território além de permitir uma autêntica venda de Portugal a retalho, com a cedência a preços irrisórios das melhores riquezas que fazem parte integrante da nossa terra. Se não o somos já totalmente, somos quase uma néo-colónia de certos países imperialistas e se o processo continua será cada vez maior a nossa dependência perante os maiores países capitalistas.

E a todo este processo violento e a toda esta violência de cada dia, veio juntar-se a violência de uma infame guerra colonial que dura há dez anos, guerra que o nosso povo paga bem caro através de tudo que dispende para a manter e através de uma juventude que por uma causa que não é a sua, é obrigada a matar e a morrer em Angola, na Guiné ou em Moçambique. E é o preço elevado desta guerra e a má administração fascista que estão na causa de um incessante aumento do custo de vida sem que os salários acompanhem essa ascensão, o que acarreta aos trabalhadores cada vez mais penosas condições de existência.

Todo este conjunto fez do nosso país um inferno de onde os trabalhadores e os jovens fogem aos milhares, uns por causa da guerra e outros procurando no estrangeiro o pão e a esperança de uma vida decente que na sua Pátria lhes são negados.

A emigração massiva de trabalhadores e de jovens é o reflexo de tudo quanto se passa e não passa, em Portugal.

Aquilo que há 44 anos se não passa em Portugal e que justifica a longa sobrevivência do fascismo entre nós, é o facto de nunca ter havido, contra uma feroz ditadura de classe exploradora e opressora, uma estratégia bem definida e uma tática que

à violência reaccionária oponha a violência revolucionária que conduza as massas populares à conquista da liberdade e do poder.

Só os reformistas de todos os matizes, é que poderão negar a evidência deste conceito:

E, sem entrarmos em divagações teóricas, 44 anos de opressão e de exploração são mais do que suficientes para demonstrarem que as ilusões legalistas, as vias pacíficas, as atitudes oportunistas e as lutas reivindicativas desprovidas de um conteúdo político, constituem grave desvio de direita e são incompatíveis com o derrubamento de um regime de força.

Por isso mesmo e porque o fascismo é a violência permanente, a Frente Patriótica de Libertação Nacional preconiza a acção armada contra essa violência em todas as etapas de luta revolucionária, acção armada que será conjugada com os movimentos de massas, mas que não deixará de ter objectivos revolucionários se tiver, que em certos momentos, ser feita isoladamente e com a estrita finalidade política, até por que este tipo de acções violentas poderá ser o detonador de largos movimentos massivos pois através delas abre-se para o povo uma perspectiva que até hoje ainda não foi dada: a luta armada.

Contra os poderosos meios de que hoje dispõem as forças repressivas, falar na força das massas, desde que estas não estejam armadas ou desde que não disponham de grupos de combate que as protejam, além de pura demagogia, é leva-las à sensação de impotência, ao desanimo.

A experiência de longos anos de repressão também devidos a um processo tactico, que a nada tem levado; as condições objectivas existentes no País; o estudo teórico e a realização prática de outras revoluções e de outras lutas que neste estilo sobem de tom, enquanto os "pacifistas" dormem o sono dos injustos, levam-nos à certeza de que será a única orientação política que nos conduzirá à vitória.

Quarenta e quatro anos de fascismo demonstram a evidência que para o derrubarmos teremos que seguir por novos caminhos; só a força derrubará a força, só pela força a vitória será nossa.

Por isso dizemos:

PATRIA E REVOLUÇÃO: - VENCEREMOS !

uma carta de militantes comunistas em Portugal

DIRIGIDA À F. P. L. N.

Caros Companheiros,

É com imenso agrado que nós militantes do Distrito de Setúbal escutamos as vossas e missões nesta nova fase da F.P.L.N.. Não queremos com isto dizer que concordemos com todas as coordenadas que vos regem neste momento. Para já agrada-nos imenso a mudança de atitude nas intenções da Frente. Efectivamente ninguém se pode arrogar neste momento de ser a vanguarda da classe operária, mas parece-nos que essa vanguarda tem que ser criada. A Frente como organização central nada mais pode ser do que um conjunto de alianças entre as diversas forças interessadas no derrubamento do fascismo em Portugal, na luta contra o imperialismo e na luta contra o colonialismo. Pensamos nós, militantes do distrito de Setúbal que a luta anti-capitalista devia fazer parte do programa da Frente pois o capitalismo fascista português já deu provas de sobejo que não resolve quaisquer dos problemas nacionais, nem aqui nem em qualquer parte do mundo.

Para já concordamos que devemos passar das palavras aos actos. Como? Cada grupo terá com certeza uma resposta, mas é preciso que a Frente seja a resposta geral do proletariado português contra a exploração monopolista.

Todos nós já verificamos a falência de determinadas linhas políticas. As massas, na sua luta diária, ultrapassaram essas linhas. A política de unidade seguida pelas organizações tradicionais não deu mais do que abortos, MOD, etc. O que é preciso é uma política de alianças, o que é extremamente diferente: aliança entre comunistas católicos progressistas, socialistas revolucionários, que saibam ver que o capitalismo fascista tem de ser derrubado pela violência popular armada. Pensamos que cada greve tem de ser uma arma política contra a política dos monopólios e não só um meio de aumento de salários.

Nós, militantes comunistas do distrito de Setúbal (é evidente que não nos arrogamos de sermos os únicos) estamos dispostos a encetar um processo revolucionário anti-fascista, anti-capitalista, anti-imperialista e anti-colonialista.

Discordamos plenamente do comunicado caluniando a F.P.L.N. distribuído na nossa região pois consideramo-lo um comunicado de sabotagem e de confusão entre as massas populares.

Saudações Revolucionárias

Um grupo de militantes comunistas do Distrito de Setúbal

a força e a fraqueza dos sindicatos

(Extratos do comunicado "É preciso organizarmo-nos!" do Sindicato Nacional dos Técnicos e Operários Metalúrgicos e Metal-Mecânicos do Distrito de Lisboa)

Camaradas Metalúrgicos do Distrito de Lisboa,

Depois de termos tomado conta da organização burocrática do Sindicato, temos de passar à fase da organização democrática deste. Esta é a tarefa fundamental que se nos depara neste momento.

E ela é tanto mais fundamental quanto é certo que a Direcção está disposta a usar de toda a firmeza para a defesa dos objectivos económicos fixados no Contrato Colectivo de Trabalho, para além de pensar começar desde já, a cumprir o papel importante que lhe cabe na consciencialização dos metalúrgicos acerca dos seus verdadeiros problemas e interesses.

Isto só será possível se organizarmos a nossa máquina sindical, a curto prazo, de modo a aumentar a nossa capacidade de acção e o nosso poder contratual. ...

A força e a fraqueza do Sindicato

Uma direcção sindical que não esteja ligada à maioria dos trabalhadores através de órgãos verdadeiramente representativos, não passa de uma estrutura burocrática que só serve para negociações de Gabinete.

O papel principal de uma Direcção não está só na negociação de determinados contratos ou acordos colectivos. Está também e sobretudo, no trabalho de esclarecimento das massas trabalhadoras de quais são os seus verdadeiros interesses, quer ao nível da fábrica quer ao nível da contratação colectiva.

Os principais colaboradores da Direcção neste trabalho vital para o Sindicato, são as Comissões Sindicais de Fábrica. Elas são a força (ou a fraqueza) do Sindicato, por isso merecem uma atenção muito especial, quer no acto da sua eleição quer ao longo de todo o seu trabalho. ...

Nota do P.I.: A suspensão da maioria da Direcção do Sindicato dos Metalúrgicos, já depois da publicação deste comunicado (conforme noticiamos noutra página), vem mais uma vez mostrar-nos, para quem ainda tivesse dúvidas, os limites da acção legal dentro dos Sindicatos Nacionais.

fascismo, capitalismo, colonialismo e imperialismo, em Portugal, só podem ser combatidos conjuntamente

A questão colonial é actualmente o ponto mais vulnerável do fascismo, onde o regime tem menor liberdade de manobra, e cujo desenlace é susceptível de provocar a ruptura da classe dominante. O problema colonial estará inevitavelmente presente em qualquer crise política condicionando o futuro do regime.

Para mal do regime português o combate de libertação dos povos colonizados não permitirá uma vitória do exército português; o desvio de capitais para as despesas militares atrasa o processo de industrialização, acelera a desvalorização da moeda, torna inevitável o aumento de impostos. Esta situação exige a manutenção de um pesado aparelho militar e repressivo (satisfazendo os generais e personalidades mais conservadoras do regime, mas dificultando a abertura à média burguesia e ao seu cortejo das chamadas liberdades fundamentais), pois pairará sempre a ameaça de uma liberdade fundamental não prevista pelos "sábios liberais": a de o povo, de armas na mão, atacar os exploradores nas colónias (como já acontece) ou em Portugal.

A guerra colonial constitui um factor de aglutinamento das facções fascistas do poder. Mais do que isso, a questão colonial contém os factores de unidade da burguesia nacional. Mas precisamente por isso ela torna-se sobretudo um factor de divisão da oposição anti-fascista.

A guerra colonial agrava a exploração do proletariado e restantes classes exploradas, torna mais vivas as contradições entre exploradores e explorados, entre sectores atrasados e sectores desenvolvidos. Ela é imperialista, feita em proveito último do imperialismo e acentua a dependência e a exploração de Portugal face às potências capitalistas.

"Um povo que oprime outros povos não pode ser livre": o preço da exploração colonial é a nossa crescente dependência perante o imperialismo, o agravamento da situação económica, a destruição da independência nacional, o reforço dos grupos repressivos, da PIDE e do exército, o reforço

da ditadura dos monopólios e dos militares. Um povo que não recusa activamente a exploração de outros povos destrói as suas próprias armas para se defender da sua exploração pelo imperialismo.

A contradição que opõe o povo português ao imperialismo aparece normalmente sob as formas de guerra colonial e luta de classes: é uma contradição cuja revelação é fundamental, não só na perspectiva da independência nacional mas também da mobilização para a luta anti-colonialista.

A situação de Portugal, como nação colonialista e, ao mesmo tempo, vítima da exploração imperialista, impõe a activa denúncia do imperialismo.

O silêncio sobre o imperialismo, ou a sua denúncia abstracta são factores de travagem da luta anticolonialista. Pelas mesmas razões a luta anti-imperialista não deve ser autonomizada, mas sim canalizada através da luta contra o colonialismo e contra o capital.

Fascismo, capitalismo, colonialismo e imperialismo constituem em Portugal um bloco solidário que apenas globalmente pode ser afrontado. Uma coisa é conhecer as contradições internas do inimigo, os limites da sua coesão, e forçar a sua ruptura uma outra é a ilusão oportunista de combater uma das várias forças do inimigo para destruir isoladamente, sem pôr em causa as restantes, ou de procurar alianças no seio dos apoios do inimigo.

O poder da grande burguesia portuguesa apesar da sua solidez aparente, do aparato das suas polícias e das suas alianças internas e externas, constitui um dos mais fracos elos na cadeia do imperialismo.

Torna-se urgente a definição de uma linha anti-colonialista e anti-imperialista das forças revolucionárias portuguesas. Mas esta nada pode ter a ver com palavras de ordem de "autodeterminação", "paz em Angola" e outras que tais que, é certo, se opõem à guerra mas nada mais representam do que as aspirações neo-colonialistas de certos sectores da burguesia nacional, no
(conclue na página seguinte)

interior da oposição anti-fascista. Uma tal linha terá de ser posta em termos que recusem toda a análise e agitação em termos puramente economicistas e nacionalistas (não aceitemos por ex.: "a economia nacional não poderá suportar o esforço da guerra", "os investimentos necessários para o desenvolvimento da economia nacional são desviados para a guerra, para investimentos nas colónias, investimentos perdidos na medida em que a guerra colonial é uma causa perdida", "os braços que são enviados para uma guerra injusta e inglória", etc.). A nossa análise e a nossa agitação terão de ser postos em termos políticos e internacionalistas. Só a afirmação da necessidade da concessão imediata da independência aos povos das colónias portuguesas e da sua entrega às respectivas organizações revolucionárias, só um intenso trabalho de propaganda, mobilização e organização em torno da luta anti-colonialista, só a organização e sobretudo o desencadeamento de acções tendentes a favorecer a deserção do exército colonial e de acções visando a destruição do aparelho da guerra colonial, só uma tal acção nos dará o direito de nos considerarmos os aliados na luta dos povos que lutam de armas na mão contra as forças colonialistas portuguesas.

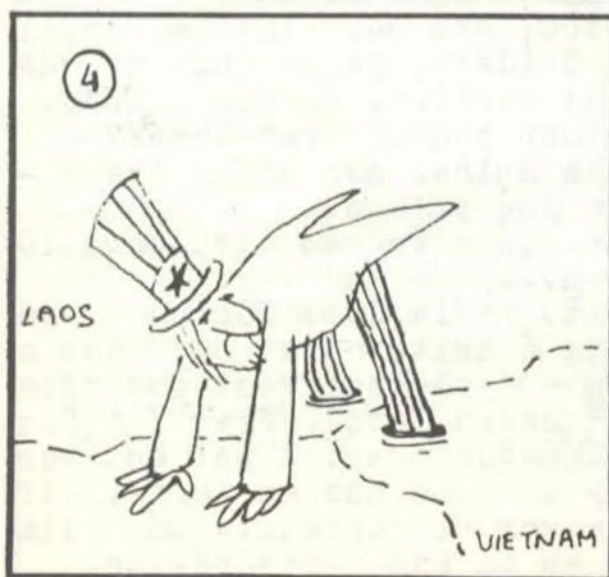
A aplicação de uma tal perspectiva é tan-

O imperialismo, como última fase e apogeu do domínio político do mundo pelo capital, é o inimigo mortal e comum do proletariado de todos os países. Mas, como acontece nas outras fases do capitalismo ele tem o destino de fazer crescer as forças do seu inimigo mortal, à medida que se desenvolve. Ele acelera a concentração do capital, a estagnação das classes médias, o crescimento do proletariado, provoca a resistência cada vez mais forte das massas, e conduz assim à intensificação da oposição entre as classes. Na paz como na guerra, a luta da classe operária deve concentrar todas as suas forças, em primeiro lugar, contra o imperialismo. Para o proletariado internacional, a luta contra o imperialismo é, ao mesmo tempo, a luta pelo poder político no Estado, e a prova de força decisiva entre o capitalismo e o socialismo.

ROSA LUXEMBURGO

to mais premente quanto pensamos essencialmente correcta a afirmação: actualmente os movimentos de libertação e os povos em luta nas colónias são os aliados mais importantes do proletariado e das forças revolucionárias portuguesas.

a invasão da Indochina pelo imperialismo americano, segundo um humorista:



EMIGRAÇÃO

Porque haverá tantos emigrantes portugueses? Será, como diz o jornal "O EMI-GRANTE" (feito em Portugal!), o resultado de uma herança lusitana de grandes conquistadores e aventureiros, de cuja massa se fizeram os nossos capitães, os nossos navegadores, e os nossos heróis?

Este jornal procura assim ganhar a simpatia dos trabalhadores que o pagarão, se o comprarem, para maior lucro dos donos da empresa que o fabrica. Uma tal linguagem não passa de um cínico insulto aos que só com grande mágoa se viram obrigados a abandonar Portugal.

Nós não falaremos pelo emigrante; nós, pedimos ao emigrante que fale:

Pergunta: Veio para França há quanto tempo?

Resposta: Vim para cá no dia 2 de Setembro.

P - E como é que veio de Portugal?

R - Em Portugal fui no comboio até Aveiro e de Aveiro vim a Vilar Formoso. Estive preso na Guarda pela polícia internacional. Estive 4 dias preso.

P - E porque é que foi preso?

R - Porque eles desconfiaram que eu vinha para França.

P - E tinha passaporte?

R - Não tinha passaporte nenhum. Vim sem passaporte.

P - E depois o que fez?

R - Fui preso numa terça-feira e soltaram-me na sexta-feira à noite. Nessa altura não podia ficar em Portugal porque não

conseguia ganhar o suficiente para criar os meus filhos; tentei tudo para atravessar a fronteira e cheguei a França no dia 6 às 11 da noite. Desde esse dia até agora ainda não consegui arranjar trabalho.

P - Mas o que lhe disse a polícia portuguesa quando o prendeu?

R - Disse-me que voltasse para trás, se tentasse outra vez podia ir cair nas mãos deles e, então, enviavam-me ao tribunal.

P - E porque é que você não tentou arranjar um passaporte?

R - Porque não tinha dinheiro nem meio para arranjar um passaporte.

P - Quanto custa lá o passaporte?

R - Lá no meu concelho não passam passaportes pois é um concelho considerado com muito trabalho e falta de pessoal.

P - Mas há muitos portugueses de Aveiro e dali da região que estão em França. Como fazem eles para vir?

R - Muitos vêm por meio... conseguem passaporte por meio de dinheiro, outros têm carta de chamada, mas a maior parte vem a salto.

P - Como é que se desenrascou para passar a fronteira? Tinha dinheiro ou não?

R - Vinha um rapaz comigo que me abonou algum dinheiro, eu só tinha 900\$00...

P - Na fronteira entre a Espanha e a França pediram-lhe os passaportes?

R - Nada.

P - E veio directamente para o bidonville de St Denis porquê? Conhecia aí alguém?

R - Tenho lá um primo que consegui encontrar. Mas mesmo assim é-me difícil arranjar serviço porque já tenho corrido muitas oficinas e eles não me dão serviço, pois ainda não tenho os papéis.

P - Os papéis da polícia ou a carta de trabalho?

R - Por agora é o récepissé. Com esse papel talvez possa arranjar emprego, pois não me convém agora ir para Portugal, não ganho lá o suficiente para criar a todos. A minha ideia era arranjar aqui serviço e depois arranjar alojamento, trazê-los para cá e criá-los cá.

P - Quantos filhos tem e qual é a idade do mais velho?

R - Tenho oito, o mais velho tem 13 anos.

P - Os seus filhos estão todos a seu cargo. Quanto ganhava em Portugal?

R - Ganhava 73\$00; era serralheiro civil de 1ª classe. Soldava, fazia tudo o que fosse em ferro: portões, grades... tudo.

P - E a sua mulher também trabalhava?

R - Não, a minha mulher não podia trabalhar por causa dos filhos.

P - Portanto, o dinheiro não dava para 10 pessoas comerem...

R - Não dava, não podia dar. Porque em Portugal a vida é muito cara; não dava e os meus filhos andavam mal vestidos como o senhor vê aí nessa fotografia: todos descalços e passavam fome. É por eu ver que eles passavam fome que eu tentei vir para França, a ver se conseguia um dia criá-los, que eu lá não podia tê-los.



a "aventura" da emigração

UM TRABALHADOR EMIGRADO FALA A TRABALHADORES EMIGRADOS

numa associação de portugueses num país europeu

Amigos Portugueses

É com grande satisfação que anunciamos que estão nesta sala 150 portugueses. Pois nós sabemos quanto custa a todos e em especial aqueles que vivem sem as famílias; trabalhar duro nos piores trabalhos fazer a comida, lavar a roupa, ir às compras, etc., etc.,

É com grande satisfação que registamos este número de compatriotas; esta associação leva a efeito estas tardes de cinema não para ganhar dinheiro, pois isso até seria impossível devido ao custo do filme e outras despesas, mas para tornar conhecida a existência da nossa Associação.

Qual o interesse para nós portugueses, ter uma associação como a nossa ?

Muitos dizem-nos! -Qual de nós não teve já problemas com o patrão que não queria pagar as horas suplementares, problemas de patrões que não querem pagar os congés outros que despedem sem prè-aviso, outros que entre nós tiveram problemas com a papelada, traduções, abonos de família em atraso, sécurité social, etc., etc.

Como todos devem saber os patrões nunca nos pagam o justo valor do nosso trabalho mas não contentes eles nos roubam ainda em várias coisas, como eu dizia, nas horas suplementares, feriados, domingos, congés, e no próprio sono por que nos fazem pagar preços incríveis em miseráveis baracas a quatro ou seis pessoas.

Por todas estas razões precisamos de uma associação de trabalhadores para nos defender Verdadeiramente. Não porque nós tenhamos a preterção de tudo resolver ou acabar com os problemas. Não! Poderemos ajudar a resolver muitos problemas, mas acabar com eles, não! Pois enquanto houver patrões para nos explorarem estes problemas continuarão, até ao dia em que os trabalhadores tomarão o seu destino em própria mão.

Mas não é só este o fim da nossa Associação; nós pensamos também na cultura e distração dos nossos compatriotas, por isso criámos uma biblioteca em português e em francês, e pensamos também na criação de uma secção de desporto para a qual nos faltam alguns amigos dinâmicos e com amor ao desporto.

Pois nós não somos nem uma agência onde tudo se paga, nem uma associação como por exemplo a que dá pelo nome de "associação nacional dos portugueses em França", ou a outra criada agora por aqueles que têm um jornal que chamam sem vergonha "portugal popular", que de popular não têm nada! E

que são uma e outra pagas pelos bancos e consulados portugueses, e as pessoas que trabalham nestas associações são muitas vezes funcionários dos bancos e consulados, ao passo que todos nós somos trabalhadores, e é depois do nosso dia de trabalho que nos ocupamos dos problemas com os nossos compatriotas.

Todos vós já deveis ter reparado que eu não falo como um doutor mas sim como um trabalhador. É verdade, sou um trabalhador do Bâtiment como muitos dentre vós. Mas quem doutro senão um trabalhador se poderá interessar pela sorte dos trabalhadores ? Os homens dos bancos ? Os capitalistas ? Patrões ?

Não! Não, Amigos!

Nem mesmo se esses homens dos bancos ou capitalistas são portugueses como aqueles que pagam à "Associação nacional dos portugueses em França", e essa que dá pelo nome de portugal popular. Pois todos nós sabemos que os patrões e homens de dinheiro não são de maneira nenhuma patriotas, o seu patriotismo é a carteira, se eles pudessem vender o seu próprio país para mais ganharem, eles fariam-no !

Não podemos de maneira nenhuma contar com os senhores e os patrões, para defender os nossos interesses. Seria bom ver os patrões pedir aumentos de salários para os operários, vê-los reclamar habitações decentes, e o pagamento de horas extraordinárias !

Não, os patrões ou consulados por intermédio das suas associações não nos defendem e nós temos bem a experiência na nossa vida de trabalho.

Recentemente o consulado exige o pagamento de uma multa de 500\$00 para passar os passaportes aos clandestinos; mais um roubo, porquê não lhe dão passaportes em Portugal, já não seriam clandestinos! Nós protestamos contra esta medida de exploração dos trabalhadores portugueses que longe da sua pátria e família, longe dos amigos, das suas festas! ganham o pão de cada dia! com que sacrifícios; e que dizem disto essas associações de que falei?

Nada! Pois são os mesmos evidentemente que não podem protestar contra eles mesmos e aqueles que lhes dão dinheiro para funcionar! Teremos de ser nós, trabalhadores! a tomar a nossa defesa quer saibamos ou não muito bem falar, é preciso união e estudar as leis, a união para as defender e conquistar outras que nos sejam favoráveis, para isso é preciso que nós todos o queiramos, e nós somos actualmente muito numerosos.

noticiário

UMA LUTA E

OS PESCADORES DE CASTELO
-SE NA RUA CONTRA A IMPOSTO
IMPOSTO

No decurso da acção armada levada a e -
feito no dia 20 de Novembro, contra a
escola da polícia política, D.G.S., foi
morto JORGE ALBERTO DE JESUS MARTINS.

Saúdamos a memória deste jovem, que deu
a vida para que o povo português possa,
ele, ter uma vida melhor.

movimento estudantil

No Instituto Comercial de Lisboa em Ab.-
-Maio -70 os estudantes entraram em greve
protestando contra a prisão dum aluno nas
instalações escolares. O director respon-
deu com a polícia e suspendeu 13 estudan-
tes, Várias centenas de estudantes de Lis-
boa respondem, manifestando-se na baixa,
informando a população, acção que motivou
o levantar dos processos. No início deste
ano lectivo são proibidas todas as formas
de informação e instaurados processos dis-
ciplinares a quem ouse fazê-la.

OS CAMPONESES DA SERRA DA LOUSA PROMETEM:

*- para o ano, a dança
começará mais cedo!*

É sabido que muitos terrenos públicos uti-
lizados pelos camponeses para pastagem do
gado e recolha de mato, são vendidos a par-
ticulares ou utilizados pelo próprio Esta-
do afim de plantar florestas.

A quem e para que servem estas florestas?
Elas servem, em geral, para a venda de ma-
deira, utilizada sobretudo no fabrico de
pasta de papel.

Enquanto os capitalistas vão enchendo a
carteira com estas vendas, o povo deixa de
poder utilizar estes terrenos para as pas-
tagens do gado, e mesmo para passar. Onde
se fazem florestas logo aparecem guardas,
florestais ou republicanos, e capatazes,
para impedir os populares de utilizarem o
que deveria pertencer-lhes.

Mas o povo vai reagindo: o recente incên-
dio que se deu na serra da Lousã não é o
resultado de um acidente ou de um acto de
loucura. Esse incêndio significa a cólera
popular perante a arbitrariedade do gover-
no.

No local do incêndio, os populares escre-
veram sobre uma pedra: "Para o ano, a dan-
ça começará mais cedo!".

Abolido, há tempos, o imposto do pescado
foi recentemente restabelecido um novo im-
posto de 9,7 % sobre o produto liquidado das
pescas, considerado para efeitos da previ-
dência.

Os arrais mais uma vez tentaram descarre-
gar sobre os pescadores os efeitos deste
novo desconto. Mas os pescadores de Caste-
lo do Neiva, centro piscatório dos arredō-
res de Viana do Castelo, é que não estive-
ram de acordo agiram; agiram simultânea-
mente contra as autoridades e contra os
patrões dando um exemplo extraordinário
de combatividade. O capitão do porto de
Viana do Castelo, depois de várias mano-
bras sem resultado para obrigar os pesca-
dores a pagar este imposto, mandaram ins-
talar um pavilhão desmontável e uma balan-
ça e enviou um cabo-do-mar para efectuar
a pesagem e a cobrança da percentagem.
os pescadores recusaram-se unânime-
mente a aceitar tal imposição: aproveitando o pró-
prio momento em que o capitão se encontra-
va a dirigir a lota organizaram uma mani-
festação que marchou sobre o posto.

Ostentando um cartaz que exaltava a sua
unidade os pescadores manifestara-se duran-
te muito tempo contra as autoridades. Mais,
derrubaram os muros das propriedades que
circundam o porto e levantaram barragens
para obstruir o caminho por onde deveria
passar o carro da capitania. Registara-se
então choques entre os guardas e os pesca-
dores. O capitão do porto só conseguiu fu-
gir do local protegido pelos guardas, que
dispararam vários tiros.

Entretanto 7 pescadores foram presos e jul-

acções armadas

Na sexta-feira, 20 de Novembro, três ex-
plosões foram outras tantas acções arma-
das levadas a cabo por militantes revolu-
cionários. Foram atingidos: a escola da
PIDE-DGS, a embaixada dos Estados Unidos,
e um carregamento que esperava, no cais,
a partida para os territórios colonizados

Estas acções atingem a PIDE, grande arma
repressiva do governo fascista; a embaixa
dos Estados Unidos, chefe de fila do
imperialismo mundial; o regime colonialis-
ta, que persiste em manter os povos das
colónias sob a sua dominação.

Saudamos estas acções de revolucionários
consequentes que, em Portugal, mostram que
e como se podem dar golpes a um inimigo
que é, para já, o mais forte.

OS PESCADORES DE CASTELO DC NEIVA BATERAM-
SE NA RUA CONTRA A IMPOSIÇÃO DE UM NOVO
IMPCSTO

a acção armada levada a e -
20 de Novembro, contra a
lícia política, D.G.S., foi
ALBERTO DE JESUS MARTINS.

emória deste jovem, que deu
que o povo português possa,
vida melhor.

mento estudantil

Comercial de Lisboa em Ab-
estudantes entraram em greve
contra a prisão dum aluno nas
escolares. O director respon-
sabilidade e suspendeu 13 estudan-
tes e centenas de estudantes de Lis-
boa, manifestando-se na Baixa,
população, acção que motivou
processos. No início deste
ano proibidas todas as formas
de instaurados processos dis-
quem ouse fazê-la.

DA SERRA DA LOUSA PROMETEM:

**o ano, a dança
ará mais cedo!**

Muitos terrenos públicos uti-
lizados para pastagem do
mato, são vendidos a par-
te utilizados pelo próprio Esta-
do para plantar florestas.

que servem estas florestas?
em geral, para a venda de ma-
deira sobretudo no fabrico de
alcoól.

Capitalistas vão enchendo a
terra com estas vendas, o povo deixa de
trabalhar estes terrenos para as pas-
sagens, e mesmo para passar. Onde
estas logo aparecem guardas,
polícia republicanos, e capatazes,
os populares de utilizarem o
terreno pertencer-lhes.

reagindo: o recente incên-
dio na serra da Lousã não é o
um acidente ou de um acto de
incêndio significa a cólera
contra a arbitrariedade do gover-

incêndio, os populares escre-
vem na pedra: "Para o ano, a dan-
ça ará mais cedo!"

Abolido, há tempos, o imposto do pescado
foi recentemente restabelecido um novo im-
posto de 9,7 % sobre o produto líquido das
pescas, considerado para efeitos da previ-
dência.

Os arrais mais uma vez tentaram descarre-
gar sobre os pescadores os efeitos deste
novo desconto. Mas os pescadores de Caste-
lo do Neiva, centro piscatório dos arredó-
res de Viana do Castelo, é que não estive-
ram de acordo agiram; agiram simultânea-
mente contra as autoridades e contra os
patrões dando um exemplo extraordinário
de combatividade. O capitão do porto de
Viana do Castelo, depois de várias mano-
bras sem resultado para obrigar os pesca-
dores a pagar este imposto, mandaram ins-
talar um pavilhão desmontável e uma balan-
ça e enviou um cabo-do-mar para efectuar
a pesagem e a cobrança da percentagem.

Os pescadores recusaram-se unânime-
mente a aceitar tal imposição: aproveitando o pró-
prio momento em que o capitão se encontra-
va a dirigir a lota organizaram uma mani-
festação que marchou sobre o posto.

Ostentando um cartaz que exaltava a sua
unidade os pescadores manifestara-se duran-
te muito tempo contra as autoridades. Mais,
derrubaram os muros das propriedades que
circundam o porto e levantaram barragens
para obstruir o caminho por onde deveria
passar o carro da capitania. Registara-se
então choques entre os guardas e os pesca-
dores. O capitão do porto só conseguiu fu-
gir do local protegido pelos guardas, que
dispararam vários tiros.

Entretanto 7 pescadores foram presos e jul-

gados imediatamente na ca-
de do Castelo. Em Castelo d-
tos pescadores, acompanh-
famílias, utilizando uma
tros meios de transporte
esta cidade, tendo reali-
zação no Governo Civil.
vidade dos manifestantes
vil viu-se forçado a rec-
ção e comprometeu-se a i-
das autoridades marítima
Mas os pescadores, que s-
cia o valor das promessa
fascistas, resolveram ca-
tação para o largo front-
nia, onde nesse momento
mento dos sete camaradas
das ameaças de intervenç-
P.S.P. aí concentradas,
arredaram pé e esperaram
julgamento.

Deve-se sem dúvida à fir-
dade dos pescadores as p-
prónciadas: 1 pescad-
dias de prisão e os outr-
um.

Sobre a cobrança do impo-
stral da Casa dos Pescad-
da "Casa do Sr: Tenreirc-
com urgência a Viana um
Pimentel para encontrar
gável".

A única solução amigável
dores de Castelo de Neiv-
o imposto. De outro Mod-
gar-nos novamente...

acções armadas

Na sexta-feira, 20 de Novembro, três ex-
plosões foram outras tantas acções arma-
das levadas a cabo por militantes revolu-
cionários. Foram atingidos: a escola da
PIDE-DGS, a embaixada dos Estados Unidos,
e um carregamento que esperava, no cais,
a partida para os territórios colonizados

Estas acções atingem a PIDE, grande arma
repressiva do governo fascista; a embaixa
da dos Estados Unidos, chefe de fila do
imperialismo mundial; o regime colonialis-
ta, que persiste em manter os povos das
colónias sob a sua dominação.

Saudamos estas acções de revolucionários
consequentes que, em Portugal, mostram que
e como se podem dar golpes a um inimigo
que é, para já, o mais forte.

**é preciso
comités de luta**

(correspondência)

A CUF despede actualme-
rários, alguns com dezo-
sa. É assim que as emp-
resolvem o problema do
do pelo progresso técni-
talmente os interesses
Os camaradas dos que fo-
veriam reagir contra a
Tal não acontece porque
CUF, estruturas revoluci-
desencadearem uma acção
eficaz. Não seria assis-
unisses em Comitês de
ra a sabotagem, grève,
na de comunicados, afim
milhares de operários c-
acções revolucionárias.

XEMPLAR

O DC NEIVA BATERAM-
POSIÇÃO DE UM NOVO

O

gados imediatamente na capitania de Viana do Castelo. Em Castelo do Neiva, logo muitos pescadores, acompanhados pelas suas famílias, utilizando uma camionete e outros meios de transporte, caminharam para esta cidade, tendo realizado uma manifestação no Governo Civil. Perante a combatividade dos manifestantes o governador civil viu-se forçado a receber uma delegação e comprometeu-se a interceder junto das autoridades marítimas.

Mas os pescadores, que sabem por experiência o valor das promessas das autoridades fascistas, resolveram caminhar em manifestação para o largo fronteiro à capitania, onde nesse momento decorria o julgamento dos sete camaradas presos. Apesar das ameaças de intervenção das forças da P.S.P. aí concentradas, os pescadores não arredaram pé e esperaram o resultado do julgamento.

Deve-se sem dúvida à firmeza e combatividade dos pescadores as penas que foram pronunciadas: 1 pescador condenado a 15 dias de prisão e os outros a 8 dias cada um.

Sobre a cobrança do imposto a "Junta Central da Casa dos Pescadores" (melhor dito da "Casa do Sr. Tenreiro") resolveu enviar com urgência a Viana um sr. comandante Pimentel para encontrar uma "solução amigável".

A única solução amigável, dizem os pescadores de Castelo de Neiva, é não pagarmos o imposto. De outro modo, voltamos a zangar-nos novamente...

é preciso criar comités de luta de fábrica

(correspondência de Portugal)

A CUF despede actualmente centenas de operários, alguns com dezenas de anos de casa. É assim que as empresas capitalistas resolvem o problema do desemprego provocado pelo progresso técnico, desprezando totalmente os interesses dos operários.

Os camaradas dos que foram despedidos deveriam reagir contra a atitude da empresa. Tal não acontece porque não existem, na CUF, estruturas revolucionárias capazes de desencadear uma acção de solidariedade eficaz. Não seria assim se os operários se unissem em Comités de luta de fábrica, para a sabotagem, gréve, emissão clandestina de comunicados, afim de esclarecer os milhares de operários da CUF, e outras acções revolucionárias.

o 5 de outubro



Esta data leva-nos a fazer algumas reflexões. A 5 de Outubro de 1910, a monarquia portuguesa tomba definitivamente. A classe trabalhadora do nosso país teve um importante papel na implantação da república: Foi dela que saiu a maioria dos combatentes; e foram as organizações da classe operária existentes na época grandes defensores, senão os principais, da ideia republicana.

Mas aqueles que tomaram o poder graças às forças populares e aos soldados revoltados, depressa mostraram em que campo estavam: pouco após a implantação do novo regime, violenta repressão se abateu sobre os trabalhadores.

A falta de uma forte organização revolucionária que realizasse a unidade dos operários e dos camponeses contra a burguesia não permitiu aos trabalhadores a tomada do poder, nem sequer a conservação das suas organizações de classe, que foram completamente destruídas a partir de 1926, ou obrigadas à ilegalidade.

O 5 de Outubro foi portanto o dia em que os trabalhadores vieram para a rua de armas na mão, vencendo um regime político inimigo da classe. Mas ele constitui também uma lição para a classe trabalhadora: o grande inimigo é a burguesia, mesmo quando disfarçada em oposição.

VOZ DA LIBERDADE

EMISSORA AO SERVIÇO DO POVO

TRANSMITE A PARTIR DA UMA HORA E UM QUARTO DA MADRUGADA, AS SEGUNDAS QUARTAS E SABADOS.

EM ONDAS CURTAS EM 25, 31 E 49 METROS

EM ONDAS MEDIAS EM 230, 320 METROS

noticiário

FOI SUSPENSA A MAIORIA DA DIRECÇÃO DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE LISBOA:

O chamado sistema corporativo instituído pelos governantes fascistas não permite a existência, em Portugal, de sindicatos livres. Mas permite e cria, em vez deles, sindicatos fantoches dirigidos por gente fiel ao governo. O resultado está à vista os sindicatos, que deveriam ser organizados pelos operários para sua defesa, passam a funcionar como órgãos dos patrões, portanto ao serviço do capitalismo.

A classe operária não desistiu, porém, de possuir os seus organismos de classe e tentado, por várias formas, conseguiu-lo. Uma dessas formas tem tido nos últimos anos alguns resultados positivos: a conquista das direcções por grupos de operários progressistas.

Perante isso, o governo começou a suspender essas direcções. Mas, em alguns casos a pressão da massa operária não o permitiu.

No caso da direcção do sindicato dos Metalúrgicos do distrito de Lisboa, essa direcção tentou, através das suas actividades, levar a efeito uma acção de esclarecimento e mobilização dos trabalhadores, que nela confiavam. Para isso e demonstrando, ao contrário da maioria dos sindicatos, não recuar a acção da massa operária, mas querer mobilizá-la, tentou organizar uma grande reunião de trabalhadores no pavilhão do Estádio da Luz.

Há coisas que um governo fascista não pode tolerar. Por exemplo, que os operários se reúnam para defenderem os seus interesses. Por isso, o governo proibiu a reunião; não contente com isso, e na intenção de amedrontar os operários, cortando o mal pela raiz, suspendeu a maior parte da direcção do sindicato.

Na sua nota oficial sobre o assunto, o governo fazia notar que a direcção trata os operários por "camaradas metalúrgicos"! Na verdade não interessa aos capitalistas que os operários se tratem por camaradas, eles têm medo da união dos trabalhadores. Mas estes não se deixarão enganar. Entre eles começa a tornar-se popular a ideia de criação de COMITÊS DE LUTA DE FÁBRICA, clandestinos, que na ilegalidade farão o que a legalidade capitalista lhes não permite de outro modo.

LIBERDADE PARA TODOS OS PRESOS POLÍTICOS! ABAIXO OS PROCESSOS FANTOCHES DA PIDE E DO GOVERNO!

Amigos, companheiros e camaradas: a PIDE prendeu em Maio e mantém nos cárceres 11 elementos democratas anti-fascistas do distrito de Setúbal, que participaram legalmente nas "eleições" de Caetano, e cujo único "crime" é o de exigirem a participação de todos os cidadãos na vida política nacional.

Neste momento estão e ser julgados no Plenário Gilberto e Moura, do concelho de Almada, cujos processos são autênticas monstruosidades da PIDE.

Nós, elementos da CDE do distrito de Setúbal, afirmamos que a prisão de cidadãos pelas suas ideias políticas é um crime de lesa humanidade, é uma violência do regime burguês fascista de Marcelo Caetano, que um dia terá de pagar.

Embora acreditemos que só pela mudança radical do regime fascista, por uma democracia de todos os trabalhadores, poderão ser libertados todos os presos políticos, pensamos também que a propaganda e a pressão exercida pelas massas populares sobre o governo fascista de Marcelo Caetano constituem um meio válido de luta legal.

Que o julgamento de ALFREDO MATOS, ALVARO MONTEIRO, STALINE RODRIGUES, LEONEL COELHO, ZACARIAS, GRAVATINHA, GONÇALVES E CUNHA seja o julgamento público do regime de Caetano a membros que foram da CDE de Setúbal, autorizada pelo governo durante a mascarada eleitoral.

Que seja o julgamento de todos os democratas anti-fascistas e anti-colonialistas membros da CDE.

Compareçamos em massa no dia 24 de Novembro, dia do julgamento, à porta do PLENÁRIO, no Chiado, para saudar os democratas de quem a PIDE e o GOVERNO se vão vingar.

ABAIXO OS PROCESSOS FANTOCHES E AS FARSAS ELEITORAIS! PELA LUTA DO POVO!

CDE - SETUBAL

PRISÕES RECENTES

Foram recentemente presos pela DGS - PIDE Domingos Constantino Guerra, vendedor; Luis Estudante da Silva, economista; e Mário Sottomayor Cardia, jornalista.

Mário Sottomayor Cardia foi bárbaramente espancado pelo chefe de brigada da DGS, José Inácio Afonso; a agressão provocou descolamento da retina e consequente intervenção cirúrgica.

"Portugal Informação" precisa de colaboração: artigos, críticas, informações. Essa colaboração deve ser entregue aos militantes ou simpatizantes que vendem o jornal ou enviada a:

13 - A, Rue Auber
ALGER - ALGERIE

O GOVERNO OBRIGA OS SOLDADOS A IR PARA A GUERRA; MAS QUANDO ELLES LHE DAO DESPESA, MALTRATA-OS!

Uma sala cheia de gente, malas, sacos de viagem, muitas muletas; muita gente com cabeças, braços ou pernas empanados. Entro a muito custo e consigo abeirar-me do único guiché que ali se encontra para dar baixa a centenas de pessoas. Dizem-me que vá lá por volta das 3 horas da tarde para tratar do meu caso. As 3 mandaram-me aguardar pelas 5, visto

a essa hora acabarem as "altas" e ser mais fácil tratar das "baixas", pois estas efectuam-se conforme as vagas que forem aparecendo.

Durante a tarde esperei juntamente com um montão de pessoas comprimidas, pela tão difícil baixa.

Espero até às 11 horas da noite! Um militar de bata branca vai dizendo que já falta pouco e, cerca da meia-noite, faz a chamada, entrega novamente as guias, avisando que nesse dia não havia mais vagas. Várias dezenas de pessoas aborrecidas, irão passar o dia seguinte da mesma forma à espera da baixa, sem comer, comprimidas, de pé numa sala com dois bancos de 10 pessoas cada um, para as centenas de pessoas que ali vão todos os dias.

No segundo dia, as pessoas são enviadas ao quartel de origem, com vista a serem enviadas outra vez ao hospital militar, uma semana depois!

Um dia consegui a tão almejada baixa, à meia noite.

Na secção onde estava havia também centenas de feridos em pijama cinzento, uns em muletas, sem pernas, outros sem braços outros em carrinhos...

Conseguida a consulta em breve se irá à junta médica, que é a última etapa a vencer. A alta é dada com brevidade, pois há muitos feridos a internar e as camas não são suficientes!

(de uma carta de Portugal)

Quanto a nós, pensamos que uma tal situação não poderá modificar-se sem que acabe a guerra colonial e seja destruído o regime fascista e capitalista. Haverá feridos enquanto o governo for colonialista e um regime fascista desprezará sempre o povo.



SEIS NACIONALISTAS BAS -
COS AMEAÇADOS DE PENA
DE MORTE

O poder franquista prepara um novo crime; Izko, Uriarte, Onaindia, Gorostodi, Larena, Dorronso-ro, são seis nacionalistas do País Basco acusados de matarem o comissário Milton Manzanos, antigo S.S. e torcionário notório.

O povo basco luta há 30 anos pela liberdade. A sua organização de libertação chama-se ETA e pertencem a ela os seis revolucionários citados.

Tem certa importância na luta pela independência do país basco o baixo clero. No processo relativo a Manzanos, dois padres são ameaçados com penas de 6 e 30 anos.

Na fotografia, padres bascos fusilados durante a guerra civil, pelas tropas de Franco.

COMO A CLASSE OPERÁRIA ESPANHOLA COMEMOROU
O DIA NACIONAL DA AMNISTIA

Dezenas de milhares de operários fizeram greve no "Dia Nacional pela Amnistia", em Espanha, no dia 3 deste mês, obedecendo ao apelo lançado pelas Comissões Operárias (sindicatos clandestinos). Em Madrid, os operários de metalurgia, da construção civil, os tipógrafos e outros trabalhadores, em número de 35 000, manifestaram contra as prisões de camaradas seus e contra a repressão fascista de Franco. Na fábrica de motores Perkins, os operários fizeram greve e ocuparam os lugares os operários fizeram greve e foram em cortejo para o centro da cidade. Na fábrica de motores Pegaso, alguns milhares de operários ocuparam os locais de trabalho, fazendo greve. Apesar do cerco da polícia aos bairros operários, várias manifestações se realizaram. Os estudantes faltaram às aulas para se unirem aos trabalhadores.

Em Barcelona houve greves na metalurgia, indústria têxtil e construção civil. Em Tarrasa a polícia atacou uma manifestação de 500 pessoas e prendeu 15, entre as quais o padre operário Agustín Nelic. Em Valência, entre 30 pessoas presas, há também dois padres operários.

Em Madrid, uma jovem actriz espanhola interrompeu uma representação e distribuiu panfletos à assistência.

Em Lérida, Saragosa, S. Sebastian e Ferrol, onde os operários dos estaleiros fizeram greve, ouviram-se também as vozes do povo em luta.

VITÓRIAS DO P.A.I.G.C.

Até ao fim do mês de Agosto, fizemos 400 ataques contra as posições inimigas, nomeadamente contra a quase totalidade dos centros urbanos; realizamos 78 embuscadas e desencadeamos outras acções com choques directos; pusemos fora de combate mais de 500 militares inimigos entre mortos, feridos e desaparecidos; capturamos 4 prisioneiros; afundámos ou avariámos 12 barcos.

P.A.I.G.C.



BRASIL

principais organizações de esquerda no brasil

PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (P.C.B.)

dirigido por Carlos Prestes

PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

dito marxista-leninista. Resultou da cisão do P.C.B., em 1962.

PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO REVOLUCIONÁRIO (P.C.R.)

este partido foi dirigido por Mário Alves, torturado e assassinado pela polícia brasileira, e por Apolônio de Carvalho. M. Alves e A. de Carvalho foram membros do Comité Central do P.C.B.

ACÇÃO LIBERTADORA NACIONAL (A.L.N.)

Foi o iniciador da luta de guerrilha, contra o regime da ditadura militar; foram seus dirigentes Carlos Marighella e Joaquim Câmara Ferreira. C. Marighella foi membro do Comité Central do P.C.B.

VANGUARDA POPULAR REVOLUCIONÁRIA, designada V.P.R.

um dos seus dirigentes é o capitão Carlos Lamarca, ex-militante do P.C.B.

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO TIRA-DENTES

este agrupamento tem fortes bases operárias, saídas do P.C.B.

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO, (M.R. 8)

é assim chamado em homenagem a Che Guevara. Um dos seus dirigentes é Fernando Gabeira, jornalista, que foi militante do P.C.B.

VANGUARDA ARMADA REVOLUCIONÁRIA (V.A.R.)

FRENTE DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

MOVIMENTO DO 26 DE JULHO

falência de uma linha política

A instauração da ditadura militar, em 1964, no Brasil veio demonstrar definitivamente a falência da linha parlamentarista e reformista, até aí defendida pela esquerda tradicional. O regime trabalhista de João Goulart foi incapaz de conciliar os interesses da média burguesia nacionalista, por um lado, e os da grande burguesia, mais ligada ao imperialismo americano, por outro; mas, sobretudo, foi incapaz de satisfazer os interesses do proletariado brasileiro. Essa não era, de resto, a sua vocação: a fim de correr o mínimo risco de ver o operariado no poder, preferiu fazer cada vez mais cedências a uma direita que, quando julgou oportuno, o destituiu a ele próprio.

A instauração da ditadura dos generais, sucedeu-se uma vaga de prisões, à qual os seus inimigos não puderam fazer face. A longa prática legalista das organizações de esquerda não tinha previsto a preparação necessária, política e prática, para a sua defesa, perante o desmesurado poder militar da grande burguesia.

Falar na esquerda brasileira tradicional sem falar no seu mais "importante" agrupamento", o P.C.B., seria deixar na sombra as verdadeiras razões da situação em que se encontra a extrema esquerda, sem esquecer as já numerosas cisões, na quase totalidade efectuadas por elementos desse partido. Na verdade, o P.C.B., adepto incondicional da linha chamada de coexistência pacífica, limitou-se, durante anos e anos, à luta pela conquista de posições legais; essa luta conseguiu a entrada de alguns deputados no parlamento, é certo, mas foi impotente, não só para resolver os problemas do proletariado, mas também para impedir a crescente penetração do imperialismo americano (e outros...) e o reforço da extrema-direita.

Os revolucionários brasileiros sabem que os problemas fundamentais dos operários e dos camponeses só serão resolvidos pela tomada do poder, pela destruição do regime capitalista ao serviço do imperialismo mundial chefiado pelos Estados Unidos.

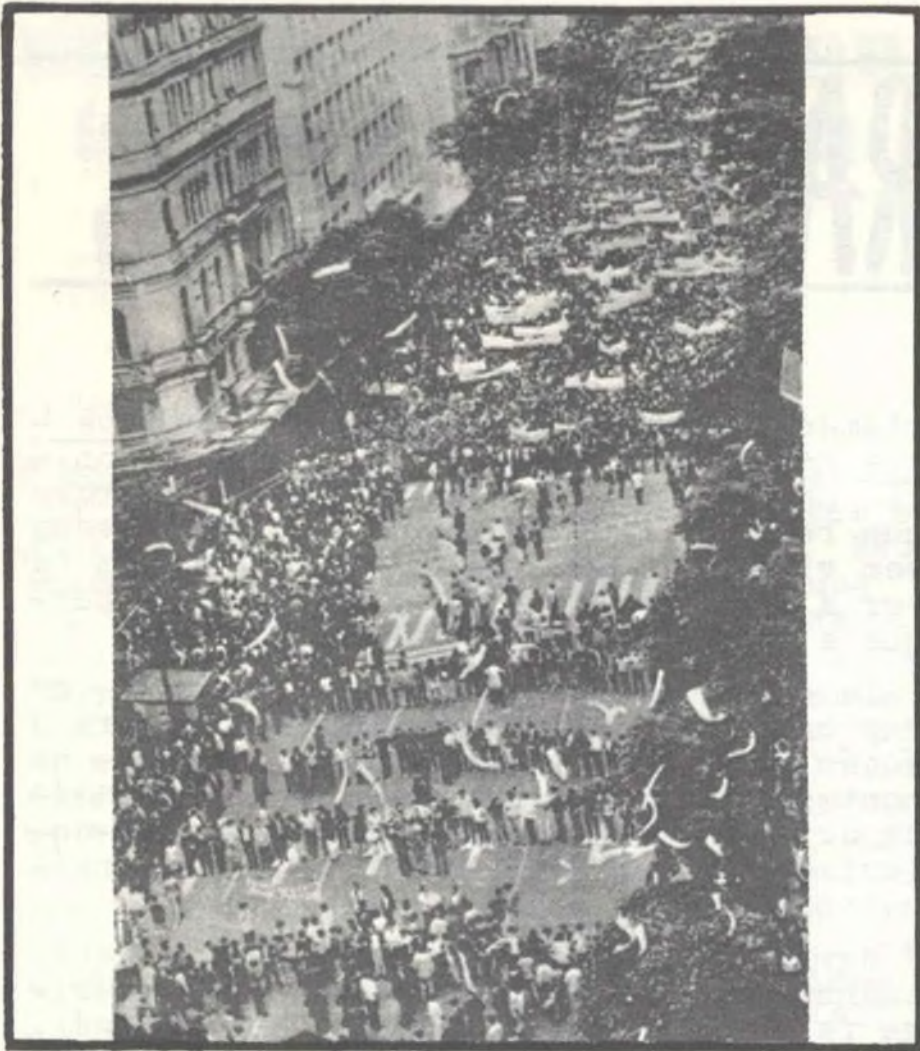
Eles sabem que o combate pela libertação nacional e pelo poder dos operários e camponeses só será vencedor quando a força opuser a força, que só a luta do povo em armas poderá opor-se vitoriosamente ao exército e às várias polícias de que dispõe a grande burguesia brasileira.

Esta ideia não é defendida apenas, como alguns querem fazer querer, por meia dúzia de intelectuais e estudantes, "maoístas" ou "castristas", desligados da realidade do povo. Assim o provam, por exemplo: a manifestação de 26 de Junho de 1968, na qual 100 000 pessoas desfilaram nas ruas do Rio de Janeiro, sob as palavras de ordem "reforma agrária", "abaixo a ditadura", "fora com os imperialistas"; o combate dos metalúrgicos contra a polícia e o exército, em Maio de 1968, às portas e dentro das fábricas, e que, mau grado a prisão de 600 de entre eles, fez reforçar a ideia da necessidade da resistência ilegal e organizada...

Ora, a tal meia dúzia de intelectuais são os que, perante a incapacidade da esquerda tradicional procuram desde 1962 para cá, o caminho correcto, em particular as organizações que, desde 1964 provam, pela prática, essa procura. Notemos que quase todas essas organizações são dirigidas por antigos elementos responsáveis do P.C.B.

Não nos cabe estabelecer a linha revolucionária que impelirá as massas à implantação de um poder popular, no Brasil. Passaremos a reproduzir algumas declarações que têm sido feitas por alguns dos mais destacados revolucionários da "nova esquerda" do Brasil.





Carlos Marighella

Tinha 58 anos quando, em Novembro de 1969, foi assassinado pela polícia. Foi militante do P.C.B. durante 30 anos. Foi enviado por esse partido à China, de 1963 a 1964. Esteve em Cuba antes de entrar clandestinamente no seu país, em 1967, para fundar a A.L.N. Esta organização, inaugura a guerrilha urbana: no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, multiplicam-se assaltos a bancos, ataques a quartéis e a edifícios onde estão instalados agentes do imperialismo americano; estações de rádio são ocupadas afim de se difundirem mensagens dos revolucionários; o capitão Chandler, agente da C.I.A., é morto; 15 prisioneiros políticos são libertados em troca do embaixador dos Estados Unidos, raptado pela A.L.N. ...

Carlos Marighella declarava:

Entre nós, tudo nasce da acção: a vanguarda, os dirigentes. Formamos vários grupos de combatentes armados; eles são a vanguarda. Detêm a direcção os mais competentes politicamente e mais corajosos. A organização vem depois.

Os movimentos de massas, sobretudo os que haviam organizado os estudantes, os intelectuais e certos grupos de militantes sindicalistas, criaram nas principais cidades do país um clima político favorável ao acolho de uma luta mais dura, as acções armadas. As medidas anti-democráticas tomadas pelo governo (fecho do Congresso, supressão das eleições, supressão do mandato de mais de 100 deputados e senadores, a censura da imprensa, rádio e televisão, inúmeros actos de repressão, criaram um clima de revolta. A popu-

lação aderiu à ideia revolucionária. A imprensa clandestina progrediu. As emissões piratas são acolhidas favoravelmente.

A cidade reúne, portanto, as condições objectivas e subjectivas para que a guerrilha se inicie com sucesso. No campo, a situação é muito menos favorável. A guerrilha rural deve, por isso, ser posterior à guerrilha urbana, cujo papel é sobretudo tático.

Em termos de guerra revolucionária, trabalho de massas e luta armada são simultâneos e dependentes um do outro.

A guerrilha urbana não exclue os movimentos de massas, como greves ou manifestações. Mas na situação de ditadura total em que estamos, manifestar, ocupar uma fábrica, sem se ser apoiado por grupos armados, seria suicídio. Durante as manifestações de rua, no Rio e em São Paulo, a polícia disparou, houve estudantes mortos. Os estudantes só tinham, para se baterem, paus e nada mais. A próxima vez será diferente; se os operários ocuparem fábricas, serão, antes, armados. É assim que eu vejo a conjugação da guerrilha urbana e dos movimentos de massa. Além disso os operários podem sabotar as máquinas, fabricar armas em segredo, destruir material. Para homens casados, pais de família, é a forma de guerrilha actualmente possível.

Não queremos apenas realizar a unidade dos revolucionários, mas a de todo o povo brasileiro afim de instalar um governo revolucionário do povo; um governo que substitua o actual aparelho burocrático de Estado, pelo povo em armas.

Eduardo Fleury

Tem 28 anos, é militante da ALN. Foi arrancado às mãos dos polícias brasileiros após o rapto de um embaixador alemão, juntamente com outros 39 presos políticos, ainda este ano. Dirigiu dezenas de assaltos a bancos, afim de poder financiar a guerrilha. Atacou vários quartéis, para obter armas. Dirigiu a ocupação, durante algumas horas, do hospital da Boa-Esperança, em São Paulo, afim de fazer operar um camarada ferido por cinco balas.

declara Eduardo Fleury:

Nós modificamos a táctica da guerra revolucionária, começando pela guerrilha urbana e a acção psicológica, em vez de começar pela guerrilha rural, que permite ao inimigo a concentração das suas forças.

Em 1968 chamavam-nos um grupelho de esquerdistas. Hoje somos uma organização à escala nacional.

O nosso fim é uma acção de guerra combinada. Uma coluna armada percorrendo uma região, para se transformar em exército de libertação nacional, apoiado por núcleos de guerrilha urbana e rural (que fornecerão armas, dinheiro e quadros) e por comandos de sabotagem.

Sobre o problema da unidade as nossas posições são próximas das da V.P.R. e do M.R. 8; fizemos um certo número de operações em conjunto. Mas não somos partidários de uma fusão imediata; pensamos que a unidade se fará na acção e pela acção.
(segue no próximo número)

CONTRA A GUERRA COLONIAL

Na segunda-feira, 26 de Novembro, deram-se a bordo do navio Cunene - construído e vendido a Portugal, recentemente, pela Polónia - algumas deflagrações de cargas explosivas, provocando dois rombos no casco, abaixo da linha de água.

Na quinta-feira seguinte, 29 de Novembro, o navio Vera-Cruz sofreu idêntica sorte. As cargas explosivas foram colocadas nesses navios, utilizados para o transporte de carga e de tropas para alimentar a guerra colonial, por um comando armado.

A máquina de guerra colonial sofreu, assim, enormes prejuízos, provocados não só pelos estragos e inundações dos navios mas também pelo atraso considerável das datas de partida.

Para além disso, outros navios viram a partida atrasada, afim de serem inspeccionados, o que provocou grandes perdas às companhias de navegação; essas companhias fazem parte da estrutura capitalista portuguesa e são, portanto, aliados do governo na exploração e na guerra conduzida contra as populações dos territórios colonizados por Portugal.

A comissão de Paris da FPLN saúda esses actos corajosos de militantes que, organizados sob a designação "Acção Revolucionária Armada", levaram à prática as suas posições anti-colonialistas.

A morte acidental de um tripulante, provocada pela explosão no Vera-Cruz, não nos faz esquecer que esses barcos são utilizados para o transporte das tropas que di-

riamente cometem assassinatos premeditados nos territórios sob dominação colonial portuguesa. É também nesses barcos que regressam a Portugal muitos jovens sem vida ou inutilizados, que só foram fazer a guerra dos ricos e dos colonos porque a tal se viram obrigados.

Pela primeira vez em Portugal exercem-se represálias concretas e directas contra a acção colonialista de Caetano, dando-se conteúdo concreto à ideia da necessidade da criação de uma quarta frente anti-colonialista, no interior do próprio país colonizador.

É certo que só a acção das massas poderá, amanhã, aniquilar definitivamente o regime fascista e colonialista, em Portugal. Mas não basta apelar à luta as massas que durante séculos sofreram a influência dos governantes colonialistas. Não devemos esquecer que ainda hoje, uma parte da população portuguesa tira benefício directo da exploração das populações de Angola, Moçambique, Guiné, Cabo-Verde, S. Tomé e Príncipe, Macau e Timor e tem, portanto, tendência a defendê-la.

Não devemos esquecer que, desde os bancos da escola, os governantes tentam insuflar aos portugueses a ideia de que o povo português não pode viver sem a exploração dos povos colonizados, exploração que é, para mais, benzida pela Igreja portuguesa. Para propagandear a ideia de dominação dos outros povos, os governantes detêm os mais poderosos meios: a imprensa, a rádio e televisão, os estabelecimentos de ensino, a própria igreja...

Que resta aqueles que se opõem à política do governo, aqueles a quem todos os meios legais de expressão são vedados, (e entre eles os mais explorados: os trabalhadores) senão a acção?

A iniciativa consequente das massas não é neste momento, possível sem a acção dos mais esclarecidos, dos mais interessados. Uma acção responsável, mas directa, pois só assim será eficaz e mobilizadora para a própria acção.

É esse o caminho que se impõe em Portugal na altura em que, no seio do operariado, dos estudantes e outras camadas da população, mesmo no seio do clero, se manifesta cada vez mais o desejo de aniquilação do regime fascista e colonialista; na altura em que a juventude, que é a principal interessada (pois é a que mais sofre), se mobiliza e se organiza para o combate.



os responsáveis destes crimes não ficarão impunes



o nosso objetivo

O objectivo estratégico da nossa luta armada de libertação nacional é, evidentemente, o de libertar o nosso país do jugo colonial português.

É afinal o objectivo estratégico de todos os movimentos de libertação nacional que, sob o peso das circunstâncias, empunham as armas para lutar contra a repressão e a presença colonial.

No nosso caso particular, baseámos os nossos princípios de acção no conhecimento profundo das condições do nosso país. Por exemplo, decidimos que deveríamos iniciar a luta do interior do país e não lutar do exterior, razão pela qual nunca tivemos forças armadas fora do país.

Isto explica que em 1963 tenhamos desencadeado a luta armada no centro, no sul e no norte do país. Quer dizer: contrariamente ao que fizeram os povos que lutam em África e noutros continentes pela independência nacional, nós adoptamos uma estratégia que poderíamos chamar centrífuga - partir do centro para a periferia do nosso país. E isto provocou uma grande surpresa nos portugueses, os quais tinham concentrado as suas tropas na fronteira da Guiné e do Senegal, julgando que iríamos invadir o nosso país do exterior. Nós mobilisámos o nosso povo, organizámo-lo clandestinamente, tanto nas cidades como nos campos. Preparámos os nossos quadros políticos, armámos aqueles poucos que nos era possível armar, uns com armas tradicionais, outros com armas modernas e desencadeámos a nossa acção a partir do centro do país.

Hoje a luta estende-se a todas as regiões do nosso país; ao norte, em São Domingos, na região de Farim; a oeste, na zona costeira, na região de Mandjakos. E esperamos poder brevemente lutar também na ilha de Bissau. Por outro lado, como você pôde ver no sul do país e tal como outros cineastas e jornalistas o puderam ver no norte e a este, libertámos uma grande parte do nosso território nacional, o que se integra no quadro da nossa estratégia.

Amilcar Cabral

NA GUINE-BISSAU

o povo e os guerrilheiros

do P.A.I.G.C. levantam

bem alto a bandeira

da luta pela libertação

dos povos

Nós controlamos hoje mais de dois terços do nosso país. Uma das características principais da luta no ano passado foi o nosso inimigo ser obrigado a abandonar mais de vinte campos fortificados. Por vezes alguns perguntam se o abandono destas posições não signica a adopção de uma nova estratégia pelo colonizador. No entanto, do que temos a certeza, é que quando os portugueses instalaram esses acampamentos, tinham um plano. No início da nossa luta viram-se obrigados, dado o desenvolvimento da guerrilha em todo o território, a instalar mais de cem desses acampamentos. Os 2 000 soldados que os portugueses tinham inicialmente são agora 35 000 e se eles se vêem obrigados a abandonar praças fortificadas, é antes do mais porque com a organização do nosso exército popular os pequenos acampamentos que haviam instalado através do território para poder ocupar o nosso país já não estão em condições de fazer face aos nossos ataques contínuos. É por isto, para salvaguardar as suas forças, os portugueses se viram obrigados a retirar de forma a defender algumas vias de comunicação vitais que lhes permitam ficar no país.

A Este do país encontram-se os acampamentos de Madina, dos quais alguns foram ocupados pelos nossos. Esta região encontra-se inteiramente libertada e as nossas forças de guerrilha atravessaram o rio Coru

continua na pag. seguinte



Este camião Mercedes-Benz não servirá mais o exército português

bal até Bafatá, segunda cidade do país. Realizámos ataques nesta região que estava sob a influência de chefes tradicionais da colonização portuguesa. A população desta província não estava habituada à guerra mas começa a dar mostras de simpatia e a colaborar com as forças revolucionárias.

Para compreender a importância que teve a tomada de Madina-Boé para o movimento revolucionário, é necessário saber que em Madina-Boé só há uma estrada e que os portugueses instalaram lá um acampamento para poder garantir a passagem para esta região assim como para o acampamento de Beli, o primeiro a ser libertado. Ocupamos a estrada e durante 12 dias atacámos este acampamento. Os colonialistas retiraram não deixando senão o quartel de Madina-Boé. Madina foi atacada várias vezes.

...No seguimento, os portugueses abandonaram Madina deixando todo o material. Os abrigos estavam cheios de comida e de medicamentos. Voltaram em seguida com a aviação e bombardearam durante vários dias. Mas podemos dizer que foi uma grande vitória sobre os colonialistas.

Em Bissau temos tropas que operam regularmente. Algumas delas avançam mesmo em direcção ao litoral. A população desta região é manifestamente hostil à dominação portuguesa e os colonialistas levaram a cabo no decorrer deste ano grandes bombardeamentos para a atemorizar.

No resto do país há regiões que há já seis anos nós controlamos; aí podem-se encontrar crianças nas escolas que não conheceram directamente a presença portuguesa. A acção dos nossos inimigos é formada por actos de terrorismo contra a população. Como disse Amílcar Cabral: "Os portugueses no nosso país tiveram de se converter de dominadores coloniais em terroristas que se escondem nos abrigos subterrâneos e realizam actos de vandalismo e terrorismo contra a população."

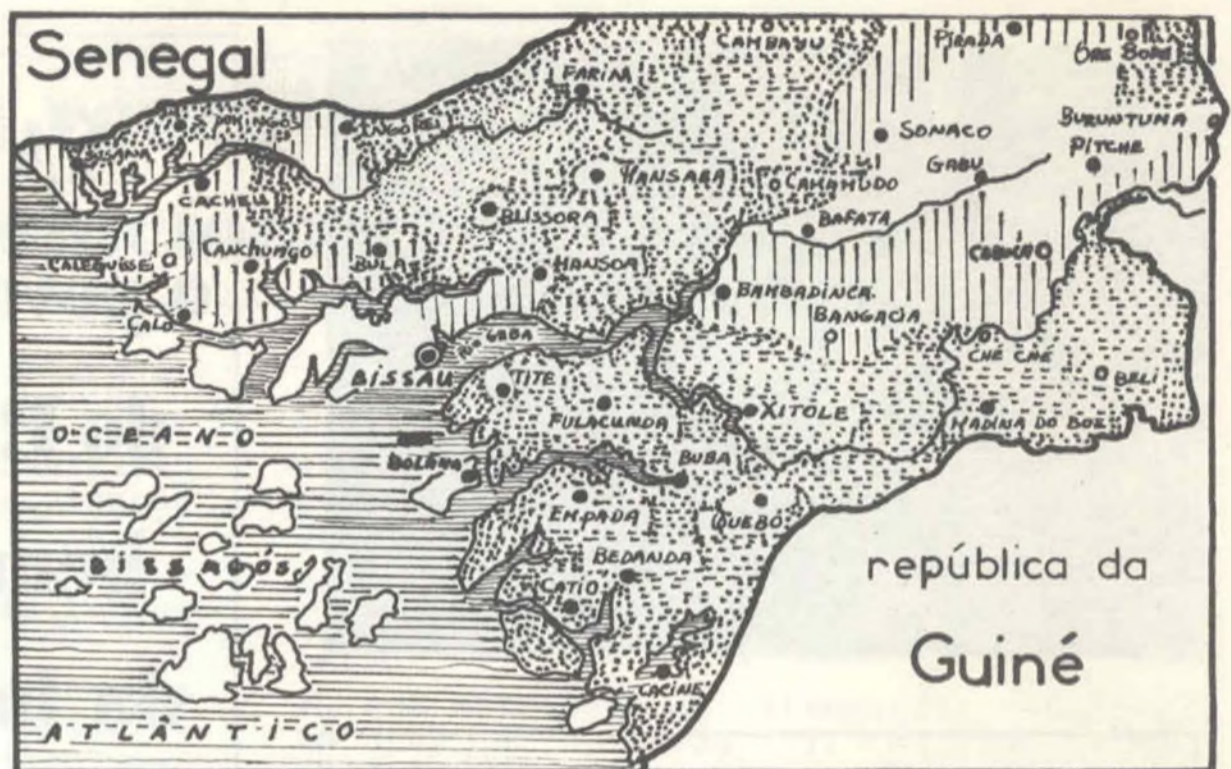
Luís Cabral - Nov.-Dez. 1969

Recentemente, a 2 de Fevereiro de 1970, os colonialistas portugueses bombardearam uma escola em Iador, matando 8 crianças e ferindo 17; e a 30 de Março bombardearam a escola de Tambico, matando 7 e ferindo 8 crianças....

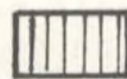
em Fevereiro, na estrada S.Vicente-Bula, 25 soldados portugueses foram mortos, 6 camions destruídos e um posto completamente destruído. Ao norte de Farim, o inimigo tentou quebrar o cer-



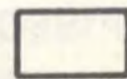
as mulheres da Guiné-Bissau também lutam contra os colonialistas



zonas sob controle do P.A.I.G.C.



zonas em disputa



zonas sob controle do exército português

GUINÉ - BISSAU

co dos seus postos pelas forças do PAIGC. Mas não atingiram o seu objectivo e sofreram derrotas constantes, nomeadamente nas regiões de Sambuia, Faquina, Samba-Ulancunda, Suzana, Guidage, N'gore, Caudjambari, e Barro.

Um campo recentemente instalado em Ualicunda, próximo da fronteira norte foi inteiramente destruído. O inimigo retirou-se deixando 9 mortos e uma grande quantidade de material de guerra.

Outras operações importantes tiveram lugar contra os campos fortificados de Mausoa e Farim. A 22 de Fevereiro, um comando das forças populares de libertação entrou em Ceba e destruiu vários edifícios onde estavam instaladas as tropas colonialistas, que sofreram várias baixas.

A 27 de Fevereiro, na Frente Oriental, um ataque com morteiros contra o campo português de Buruntuma causou a morte de numerosos soldados colonialistas. Um barco foi afundado no rio Geba, a poucos quilómetros do porto de Bambadinca. Na Frente Sul, o inimigo, imobilizado nos seus quartéis, foi submetido em permanência a um bombardeamento intensivo, especialmente em Guiledje, Canture, Bedanda, Catio e Buba. Na primeira quinzena de Março, a base militar portuguesa de Guiledje foi atacada 18 vezes; a 7 de Março um helicóptero francês Alouette II, que orientava o fogo da artilharia inimiga, foi abatido. As bases militares portuguesas de Catio, Buba, Maupata, Bedanda e Canture foram bombardeadas pelas forças da guerrilha. Em 6 de Março os fuzileiros navais portugueses tentaram atacar um barco a motor do PAIGC. Os guerrilheiros contra-atacaram e atingiram o barco inimigo "Rocheol" na região de Kitafine; pelo menos 9 soldados colonialistas foram mortos.

Na noite de 12 para 13 de Julho passado, 300 combatentes do PAIGC atacaram a povoação de Pirada na Guiné, que se encontrava ainda ocupada pelas tropas coloniais portuguesas. Armados de canhões anti-tanque de ocupação, foguetões e morteiros, dando mostras de grande coragem, os patriotas da Guiné puseram fora de combate inúmeros soldados coloniais (o governo português reconheceu ter sofrido nesta acção 15 mortos e 41 feridos).

segue no próximo número

TESTEMUNHO

"Hoje, dia 26 de Outubro, cerca das 5 horas da manhã, um comando da Acção Revolucionária Armada (ARA), levou a cabo com êxito a primeira operação revolucionária armada contra o aparelho de guerra colonial do governo fascista.

"Em virtude desta acção, ficou alagado e imobilizado na doca de Alcântara, em Lisboa, com um grande rombo, o navio CUNENE, de 16 000 toneladas que é utilizado para alimentar a guerra de opressão colonial.

"O Comando Central da Acção Revolucionária Armada declara que ao atacar mos a máquina de guerra que alimenta a guerra colonial não estamos contra os soldados, os sargentos e oficiais honrados, forçados a fazer uma guerra que odeiam. Estamos, sim, contra a continuação desta criminosa guerra de opressão colonial que se transformou num flagelo para os povos de Angola, Guiné e Moçambique e num cancro que corroi a Nação, que queima vidas e bens do povo português para servir os interesses de um punhado de monopolistas sem pátria. Estamos solidários com a justa luta libertadora dos povos coloniais.

"A Acção Revolucionária Armada propõe-se conduzir a sua acção revolucionária no quadro da luta geral do povo português contra a ditadura fascista e pela conquista da liberdade. Deste modo, a ARA não se desliga da luta revolucionária das massas, da luta dos operários e camponeses, da luta dos estudantes e intelectuais revolucionários contra a política fascista do poder dos monopólios e latifundiários assim como o domínio imperialista no nosso país.

Viva a Insurreição Popular Armada !

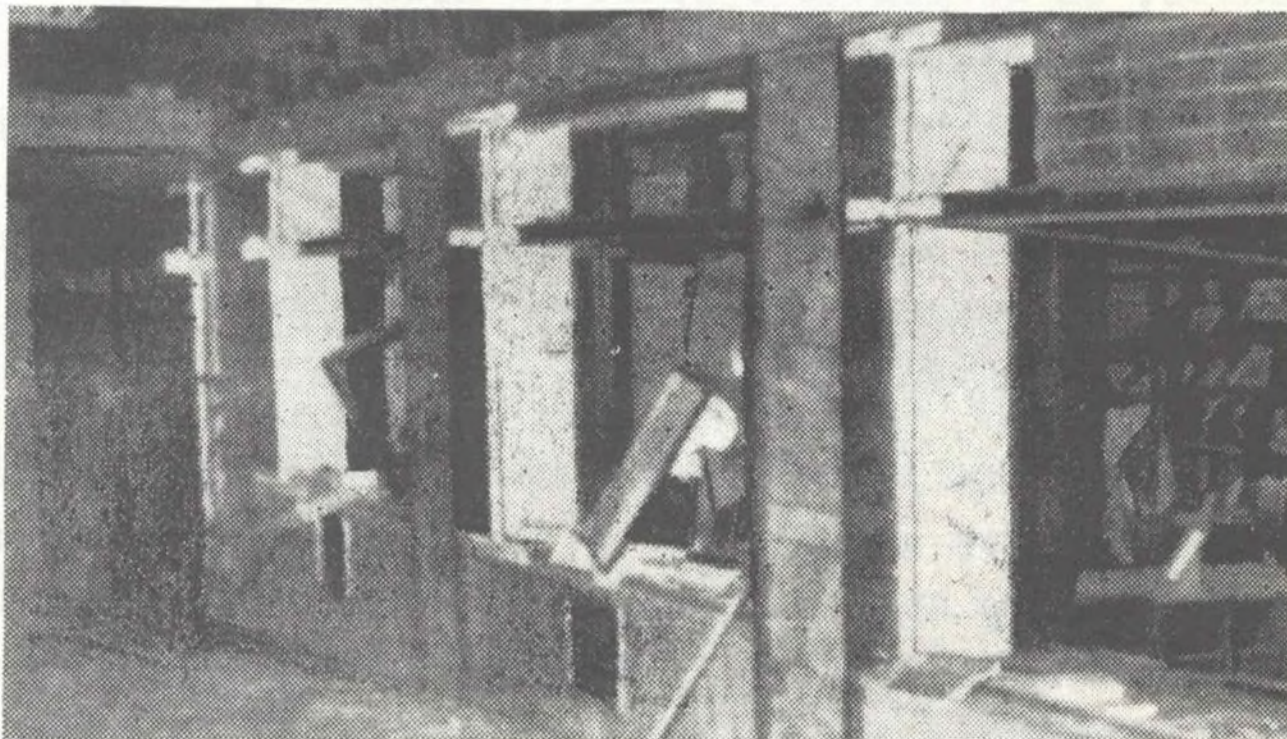
O Comando Geral da Acção Revolucionária Armada"

NOTA P.I. : Como TESTEMUNHO - rubrica do P.I. na qual transcrevemos documentos referentes a acções ou lutas desencadeadas em Portugal ou nas colónias - publicamos neste numero o comunicado da A.R.A., enviado aos órgãos de informação de Lisboa, sobre a acção contra o CUNENE. Publicamos este documento porque tal como afirmamos no artigo "Con

.../...

.../...

tra a guerra colonial" a acção contra o CUNENE visando directamente o aparelho de guerra colonial dá um conteúdo concreto à ideia da necessidade da criação de uma quarta frente anti-colonialista no interior do próprio país colonizador. Nós, que não reivindicamos, nem reivindicámos as acções realizadas pela ARA, porque foram realizadas pela ARA, mas que as saudámos desde a primeira hora, porque são acções concretas contra o inimigo fascista, e não nos preocupa a sua paternidade (que só à polícia interessa), estranhamos e condenamos a 'Rádio Portugal Livre' que passou 26 dias a criticar de cátedra a acção contra o CUNENE para vir agora pretender utilizá-la para atacar a F.P.L.N.



COMO FICOU O CENTRO CULTURAL DA
EMBAIXADA DOS ESTADOS UNIDOS